



doi: 10.20396/rfe.v10i3.8653777

O gênero nos estudos sobre corpo em revistas do campo da educação física da Argentina e do Brasil

*Eduardo Galak¹**Ivan Marcelo Gomes²**Felipe Quintão de Almeida³**Fabio Zoboli⁴*

Resumo

O artigo objetiva oferecer uma reflexão a respeito da “generificação dos corpos” em nove periódicos da Educação Física do Brasil e da Argentina. A análise foi feita a partir de dois blocos: 1) textos que criticam o modelo heteronormativo de gênero no âmbito das práticas corporais; 2) artigos que problematizam a escola e a Educação Física, na produção de “corpos generificados”. Os estudos investigados contribuem para conferir ao corpo um novo estatuto ontológico, epistemológico e político ao estabelecerem uma crítica à sexualidade inscrita no físico anatomicamente diferenciado questionando o pressuposto de que os corpos são percebidos como passivos de uma lei natural inflexível.

Palavras-chave: Corpo; Gênero; Periódicos de Educação Física; Brasil; Argentina.

El género en los estudios sobre cuerpo en revistas del campo de la educación física en Argentina y en Brasil

Resumen

¹ Doctor en Ciencias Sociales por la Universidad Nacional de La Plata (UNLP, Argentina), con post-doctorado en Educação, Conhecimento e Integração Social por la Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG-Brasil). En la actualidad es Investigador Asistente del Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Tecnológicas (CONICET, Argentina). Es Profesor ordinario en la Universidad Nacional de La Plata. E-mail: eduardogalak@gmail.com

² Doutor em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) – Brasil. Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) – Brasil. Professor do Centro de Educação Física e Desportos na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: ivanmgomes@hotmail.com

³ Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Vice-coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Espírito-Santo (PPGEF/UFES). E-mail: fqalmeida@hotmail.com

⁴ Pós doutor em "Educação do corpo" pela Universida Nacional de La Plata (UNLP). Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED) da Universidade Federal de Sergipe – UFS: E-mail: zobolito@gmail.com

El artículo despliega una reflexión sobre la “generificación de los cuerpos” en nueve revistas académicas de Educación Física de Brasil y Argentina. El análisis fue realizado en dos bloques: 1) textos que critican el modelo heteronormativo de género en el contexto de prácticas corporales; 2) artículos que problematizan la escuela y la Educación Física en la producción de “cuerpos generificados”. Los estudios indagados contribuyen para conferirle al cuerpo un nuevo estatuto ontológico, epistemológico y político al establecer una crítica a la sexualidad inscrita en lo físico anatómicamente diferenciado, cuestionando el presupuesto de que los cuerpos son percibidos como pasivos de una ley natural inflexible.

Palabras clave: Cuerpo; Género; Periódicos de Educación Física; Brasil; Argentina.

Gender on body studies in physical education field in Argentina and Brazil

Abstract

This paper displays a reflection on the “gendering bodies” in nine academic journals of Physical Education of Brazil and Argentina. The analysis was carried out in two parts: 1) texts that criticize the heteronormative model of gender in the context of bodily practices; 2) articles that problematize the schooling process and Physical Education in the production of “gendering bodies”. The researched studies contribute to confer on the body a new ontological, epistemological and political statute by establishing a critique of sexuality inscribed in the anatomically differentiated physical, questioning the assumption that bodies are perceived as passive of an inflexible natural law.

Key words: Body; Gender studies; Physical Education Journals; Brazil; Argentina.

Introdução

Nos últimos anos aumentou o interesse de pesquisadores da Educação Física em investigar, numa “perspectiva comparada”, o recente desenvolvimento deste campo em países da América Latina, com uma ênfase nas regiões localizadas mais ao sul do continente americano. Sem perder de vista a existência de outras iniciativas, podemos apontar o livro *Educação Física no Brasil e na Argentina: identidade, desafios e perspectivas*, editado pelos professores Valter Bracht e Ricardo Crisorio no início dos anos 2000, como um marco importante na direção antes apontada. A obra seria expressão de uma mútua atenção, que se fortaleceu a partir dos

anos 1990, aos desenvolvimentos recentes da Educação Física nos dois países sul-americanos, criando as condições de possibilidade para o incremento de ações (como participação eventos, mobilidade acadêmica, pesquisas em rede, estágios acadêmicos etc.) com vistas a desenvolver a área da Educação Física entre brasileiros e argentinos. Àquela obra podemos juntar outras iniciativas interdisciplinares de pesquisa e publicação entre brasileiros e demais colegas sul-americanos/latinos americanos (SILVA; BEDOYA, 2015, 2017; LARA et al., 2018; GALAK; VAREA, 2013; ALESDE, 2018), com especial destaque a países da América do Sul, sobretudo Argentina, Uruguai, Colômbia, mas, também, Chile, Venezuela, Peru etc.

Em pesquisas anteriores (GALAK et al. 2018) estabelecemos comparações entre a produção do conhecimento sobre o corpo em revistas da Educação Física do Brasil e da Argentina procurando interpelar o vínculo destas produções com os movimentos de renovação epistêmica do campo naqueles dois países. Tratou-se de uma investigação realizada de forma conjunta entre o “Centro Interdisciplinario Cuerpo, Educación y Sociedad” (CICES/IdIHCS) da Universidad Nacional de La Plata (UNLP/Argentina), o “Laboratório de Estudos em Educação Física” (LESEF) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES, Brasil) e o “Grupo de pesquisa Corpo e política” da Universidade Federal de Sergipe (UFS/Brasil).⁵

Neste artigo, a ser publicado num dossiê dedicado à Epistemologia da Educação e da Educação Física na América Latina, damos sequência aos esforços de pesquisa que temos conduzido a partir das realidades brasileira e argentina. Voltamos nossa atenção a uma das categorias construídas no contexto da pesquisa desenvolvida em rede.

⁵ Um dos desdobramentos dessa pesquisa repercutiu em outra investigação de cooperação internacional intitulada “Sentidos sobre educação do corpo no Brasil e Argentina: artefatos culturais e biopolítica”, financiada pela Secretaria de Relações Internacionais da Universidade Federal do Espírito Santo (edital Fomento à Cooperação Internacional nº 03/2016), e que possibilitou a investigação em relação ao periódico argentino.

Tanto nos periódicos brasileiros que serviram de suporte para análise empírica como na revista argentina adotada como fonte, o binômio conceitual corpo/gênero conduziu esforços analíticos dos grupos envolvidos na investigação. Aqui abordaremos, comparativamente, a relação entre corpo e gênero. Mais precisamente, nosso objetivo é oferecer uma reflexão a respeito da “generificação dos corpos” a partir daquilo que identificamos nos periódicos estudados.

No caso brasileiro, os periódicos estudados foram: “Revista Brasileira de Ciência e Movimento”, “*Motus Corporis*”, “Pensar a Prática”, “Motrivivência”, “Revista de Educação Física da UEM”, “Revista Brasileira de Ciências do Esporte”, “Revista Motriz” e “Revista brasileira de Educação Física e Esporte”.⁶ A revista argentina investigada foi “Educación Física y Ciencia”.

Quanto à escolha dessas revistas como fonte, são quatro as razões dessa decisão: a) elas expressam as mudanças que o campo da Educação Física experimentou no período adotado para o estudo, sendo, inclusive, artefatos culturais importantes nas transformações que nele ocorreram; b) temos acesso a todos os números publicados das revistas, seja em sua plataforma digital, seja em CD-ROM, seja por meio das edições em papel;⁷

c) o ciclo de vida longo; d) todas elas publicam, embora não exclusivamente, artigos da subárea sociocultural/pedagógica.

Identificados os textos, foram estabelecidos alguns critérios de seleção e em seguida foram efetivadas algumas exclusões conforme os seguintes critérios: a) textos de anais; b) resumos; c) artigos das ciências biológicas; d) resenhas de livros; e) textos indisponíveis. No segundo momento, análise dos dados, foi elaborada uma segunda planilha para estruturação detalhada de dados de acordo com as categorias: título, resumo, tema central, mês/ano/edição, instituição, região, gênero e número de autores.

⁶ Informações a respeito dessas revistas podem ser encontradas em suas respectivas páginas e/ou plataformas eletrônicas.

⁷ Dessas revistas, “*Motus Corporis*” é a única que não possui uma plataforma digital, o que exigiu que olhássemos sumário por sumário de cada edição.

Na sequência, procedemos à leitura completa do artigo. Privilegiamos a análise de caráter qualitativo a respeito do tema corpo/gênero, ocasião para realizar um estudo sobre seu conteúdo (BARDIN, 1977) a partir dos textos completos, destacando, nesse sentido, a categorização como importante etapa dessa metodologia de análise.⁸

Segundo Louro et al. (2012, p. 18),

[...] o conceito de gênero passa a englobar todas as formas de construção social, cultural e linguística implicadas com os processos que diferenciam mulheres de homens, incluindo aqueles processos que produzem seus corpos, distinguindo-os e separando-os como corpos dotados de sexo, gênero e sexualidade.

O binômio corpo/gênero, portanto, encerra artigos que problematizam os modelos corporais que até hoje se interpretam como o modo dominante de ser e fazer a partir de uma sexualidade binária, que organiza os corpos como mulher/homem, feminilidades/masculinidades, forte/fraco, delicado/viril, entre outras. Os corpos que ficam à margem dessas classificações estruturalistas (homem/mulher, normal/deficiente, natural/artificial) produzem uma espécie de “ambivalência”, uma vez que não é possível ter certeza do seu enquadramento.⁹ São corpos estranhos, anormais, no extremo, abjetos.

Encontraremos artigos que criticam uma condição social percebida e legitimada como natural. Para tanto, os textos utilizam-se de distintos campos disciplinares, os quais buscam informação, debates e estudos para refletir sobre as diferenças de gênero. Sendo assim, o que tem configurado,

⁸ Outras informações de ordem metodológica podem ser consultadas em: Terra Nova et al. (2015), Zoboli et al. (2016), Galak et al. (2017), Zoboli et al. (2018), Gomes et al. (2018), Almeida et al. (2018) e Galak et al. (2018).

⁹ Paradoxalmente, “Embora nascida do impulso de nomear/classificar, a ambivalência só pode ser combatida com uma nomeação ainda mais exata e classes definidas de modo mais preciso ainda: isto é, com operações tais que farão demandas ainda mais exigentes (contrafactuais) à descontinuidade e transparência do mundo e assim darão ainda mais lugar à ambiguidade” (BAUMAN, 1999, p. 11).

desde um ponto de vista epistemológico, os discursos generificantes dos corpos nas revistas brasileiras e argentina estudadas? O que os periódicos aqui considerados nos ajudam a problematizar o binômio corpo/gênero? Essas serão algumas das questões a serem desenvolvidas nesse artigo, que está organizado numa única sessão, seguida das considerações finais.

O que significa “generificar” os corpos em revistas no Brasil e na Argentina?

Um primeiro dado a ser apresentado se refere ao quantitativo bibliométrico das publicações sobre a temática “corpo” no Brasil e na Argentina. O resultado da busca apontou um quantitativo de 428 textos publicados em periódicos do campo brasileiro e argentino que tratam da temática sob o viés sociocultural e pedagógico, num período de 37 anos. Destes 428 textos, 366 (7,2%) estão publicados nos periódicos do Brasil e 62 (33,7%) no periódico argentino (ver tabela 1).

Tabela 1: Quantitativo de texto sobre a temática “corpo” por países

País	Período	Quantitativo	Percentual da temática “corpo” relacionado à produção total dos periódicos em cada país
Brasil	1979-2012	366	7,2%
Argentina	1995-2016	62	33,7%

Fonte: Dados da pesquisa

Percebe-se que há uma grande diferença entre a produção brasileira sobre o tema corpo em relação à produção argentina. No Brasil, apenas 7,2% dos textos publicados nos periódicos de Educação Física analisados tratam da temática corpo, contra 33,7% na revista argentina. Ou seja, 1 a

cada 3 textos publicados na revista de Educação Física da Argentina fazem referência ao corpo, enquanto no Brasil essa proporção é de 7 para cada 100 textos.

Desse universo empírico de textos que abordam o tema do “corpo” nos interessa, somente, pensar o binômio corpo/gênero que aparece na produção periódica destes dois países. Deste modo, a tabela 2 apresenta a amostragem composta de 33 textos que tratam do corpo/gênero recortadas do universo total dos 428 artigos publicados nas 9 revistas dos dois países (7,71%).

Tabela 2: Quantitativo de textos por periódico da categoria temática

Periódico	Tema “corpo”	binômio corpo/gênero	Percentua l relacionado
Revista Brasileira de Ciências do Esporte	121	3	2,47%
Revista de Educação Física da UEM	27	0	0%
Motrivivência	48	10	20,83%
Pensar a Prática	34	1	2,94%
Motus Corporis	14	2	14,28%
Motriz	90	3	3,33%
Revista Brasileira de Ciência e Movimento	8	0	0%
Revista Brasileira de Educação Física e Esportes	24	5	20,83%
Revista Educación Física y Ciencia	62	9	14,51%
Totais	428	33	8,79%

Fonte: Dados da pesquisa

Se levarmos em consideração a produção total de artigos sobre o corpo desde uma perspectiva sociocultural e pedagógica nos periódicos brasileiros (n=366) e compararmos com a produção total desses artigos que tematizam a questão de gênero (n=24)¹⁰, podemos identificar que a produção brasileira é percentualmente inferior à produção argentina. No Brasil, temos 6,55% de publicações sobre a temática dentro do escopo estudado, enquanto que na Argentina foram encontrados 14,51% de artigos sobre gênero.

Como uma primeira reflexão sobre a temática do gênero, capturadas a partir de estudos do corpo nos periódicos de Educação Física do Brasil e da Argentina, percebemos a predominância de escritos que discutem sobre saberes, políticas e poderes que procuram normatizar, controlar e construir verdades sobre o corpo e o sujeito na relação com sua sexualidade inscrita no físico anatomicamente diferenciado. São textos que tecem uma crítica à dimensão puramente biológica dos processos de diferenciação sexual, interpelando aspectos culturais e políticos das relações entre os sexos. A construção de gênero pautada pela heteronormatividade demarca os corpos e os lugares de homens e mulheres na sociedade, excluindo os que não se enquadram nesses moldes ou os que estão na fronteira (BUTLER, 2003).

Por sua vez, pensar a categoria gênero a partir de agenciamentos históricos de subjetivação não implica negar a dimensão biológica do corpo, pois partimos do entendimento de Canguilhem (2005) quando menciona que a sociedade regulariza o organismo e a normatividade social se funde com a normatividade da vida. No âmbito dos estudos da sexualidade, a teorização do corpo via biologia é um imperativo moral que estabelece “normas” que regularizam as identidades de gênero por meio de uma “lei natural” que busca a classificação e demarcação dos corpos sexuados.¹¹ Em termos epistemológicos, “[...] ainda que a palavra gênero permita ser observada a partir de diferentes olhares (marxista, estruturalista, psicanalista, feminista,

¹⁰ Dos 33 artigos que compõe nossa amostra 24 são de periódicos do Brasil e 9 do periódico da Argentina.

¹¹ “A natureza humana é um efeito da tecnologia social que reproduz nos corpos, nos espaços e nos discursos a equação: natureza = heterossexualidade” (PRECIADO, 2014, p. 25).

pós-estruturalista, entre outros) é consensual que se refira, fundamentalmente, a construção social do sexo” (GOELNER, 2005).

Segundo Saraiva (2002) e Devidé et al. (2011), textos que dirigem a crítica a uma *episteme* naturalista de gênero pautada numa compreensão discursiva e/ou culturalista sobre o corpo começaram a aparecer nos estudos da Educação Física brasileira no final dos anos 1980 e início dos anos de 1990, sendo importantes para desconstruir determinismos biológicos que historicamente serviram como signos anatômicos fronteiros de demarcação e hierarquia de gênero. No caso das fontes brasileiras, o primeiro artigo identificado foi o de Chagas e Rigo (1990), seguido de outros como Goelner (1999), Damico e Meyer (2006). Na revista platense, temos um único artigo nos anos 1990, publicado logo no primeiro número do periódico: “Hacia una educación física no sexista” (SARAVÍ, 1995). Tanto no caso brasileiro como no argentino, verificamos o maior número de publicação após os anos 2000. No caso argentino, por exemplo, 66% dos textos escritos sobre gênero foram publicados no século XXI.

A crítica às demarcações distintivas foram centrais para problematizar binômios como homem/mulher, fraca/forte, masculino/feminino, delicadeza/potência, vagina/pênis que serviam de axiomas conceituais com a finalidade propedêutica para estruturar experiências e juízos nas mais diversas práticas corporais no âmbito da Educação Física (SAYÃO, 2002; LESSA, 2005; RESENDE, 2011; SALVINI, SOUZA; MARCHI JUNIOR, 2012; FERNANDES, 2005; DEVIDÉ; VOTRE, 2005; ABDALAD et al., 2001; SCHARAGRODSKY, 2001; 2002; BRANZ; GARRIGA ZUCAL, 2013).

Considerando a totalidade dos estudos encontrados, dividimos os artigos em dois blocos. No primeiro deles, encontramos, em ambos os países, uma crítica ao modelo heteronormativo de gênero que historicamente pauta e sustenta práticas corporais. De modo mais massivo e relativamente homogêneo, estas críticas foram feitas a partir de estudos que interpelavam corpo e gênero no universo esportivo e de outras práticas corporais não esportivas. Os artigos fizeram o exercício reflexivo a respeito

do caráter generificante do esporte e das práticas corporais. São problematizadas, nas pesquisas das 8 revistas estudadas, desde o futebol ao rúgbi, a formação do masculino viril até a educação da mulher esportista *sem perder* a feminidade estética socialmente esperada. A premissa fundamental que sustenta a análise destes estudos está pautada no pressuposto de que a “mulher-atleta ou mulher-esportista” implica uma subversão de regras heteronormativas voltadas para a categoria do feminino no contexto histórico de uma cultura demarcada pela classificação comportamental dos gêneros masculino e feminino. São estudos que fazem uma crítica à “dominação masculina”¹² do mundo esportivo, onde as mulheres que trazem em suas identidades às marcas do esporte ferem a imagem feminina ideal que deveriam representar. Lessa (2005), ao discutir o tema do corpo, do esporte e das mulheres numa perspectiva feminista, afirma que:

A construção da feminilidade esculpida na imagem da mulher submissa, frágil, passiva, que se embeleza para atrair os homens, foi amplamente trabalhada pelo aparelho médico, jurídico e psiquiátrico com o apoio do discurso científico. A Educação Física, por longo tempo, buscou seus fundamentos nas teses da ‘naturalização’ da fêmea como ser exclusivamente procriador para elaborar seus programas de treinamento e atividade física para mulheres, utilizando-se da biologia e da medicina desportiva, que exigiam moderação (LESSA, 2005, p. 162-163).

Para Vaz (2011, p. 850), “[...] o esporte não está isento das práticas e dos discursos generificantes, como nos embates como a participação das mulheres nas diversas modalidades esportivas, na afirmação de diferentes

¹² Bourdieu (2012) esboça que a dominação masculina produz e ao mesmo tempo é efeito de uma submissão feminina, mantendo a ideia de que a modernidade estrutura um binarismo conceitual que associa a cada polo significações sociais, especialmente morais. De esta forma, ser masculino se configura como *oposição* ao ser feminina, e aí se distingue características socioculturais.

masculinidades nas competições [...], no trânsito e na presença de sexualidades tida como desviantes”.

Em similar registro se inscreve o artigo “Cuestión de género, cuestión de cuerpo: deportistas pioneras en Colina”, de Salazar e Manzo Lozano (2009, p. 48), quando afirmam que o “[...] cuerpo de la mujer deportista se objetiviza para transformarse en el instrumento para el logro. Suman al concepto corporal femenino la fuerza, el movimiento, la competitividad, el trabajo en equipo y el reconocimiento de su poder individual”.

No segundo bloco de textos que se destacam na análise comparada entre Brasil e Argentina temos os estudos que discutem a participação da escola e, no seu interior, da Educação Física, na produção de “corpos generificados”. Os textos elaboram uma crítica às tradições do campo e a maneira pela qual, histórica e atualmente, a Educação Física escolar reproduz especialmente questões sexistas e de distinção. A este respeito, um dos principais referenciais citados é a perspectiva do Michel Foucault, com a sua análise sobre o disciplinamento dos corpos através da incorporação de uma moralidade sexual. A conclusão desses trabalhos é que a Educação Física escolar, tradicionalmente, tem contribuído para reproduzir, da Educação Infantil até o Ensino Médio, os papéis sexuais socialmente esperados de meninos e meninas (VAZ, BASSANI e SILVA, 1999; SARAIVA, 2002; SAYÃO, 2002; ALTMANN; MARIANO; UCHOGA, 2012; LUZ JÚNIOR, 2002; SILVA; CÉSAR, 2012; RESENDE, 2011; DORNELLES, 2011; SARAIVÍ, 1995; SCHARAGRODSKY, 2001, 2002). Argumento recorrente neste bloco pode ser ilustrado com a seguinte citação: “Ainda que meninos e meninas estivessem realizando a mesma prática corporal, as expectativas em torno do resultado das ações para um gênero e para o outro eram diferentes [...]” (ALTMANN; MARIANO; UCHOGA, 2012, p. 294).

Mas, ao mesmo tempo, estes estudos defendem a escola como um lugar dinâmico, em que há espaço para a disciplina cumprir a função de questionar os estereótipos e/ou preconceitos de gênero que atravessam seus

conteúdos, como o esporte, a dança, os jogos e brincadeiras etc. Nos dizeres de Saraiva (2002, p. 5-6), por exemplo,

Experiências coeducativas que problematizam as questões de gênero demonstraram que o esclarecimento dessas questões pode encaminhar um melhor relacionamento entre meninos e meninas, homens e mulheres em práticas corporais esportivas e de lazer e apontam possibilidades diferentes daquelas tão decantadas por muitos professores que, de antemão, acreditam que os papéis, lugares e possibilidades estão postos pela ordem social e são imutáveis.

Para Sayão (2002), pensando nas pesquisas e práticas que se desenvolvem nos ambientes educacionais,

[...] a Educação Física pode assumir um papel importante quando problematiza permanentemente o corpo e os lugares, espaços, gestos, ações e sentimentos que meninos e meninas; homens e mulheres; professores e professoras, atletas e produzem nos contextos da vida social. Cabe desmistificar saberes, poderes, conhecimentos e situações socialmente construídas que impedem a inclusão daqueles/as que não são homens, brancos, heterossexuais, adultos e de classe média. Garantir a igualdade de oportunidades a todos/as no que concerne às práticas corporais no âmbito da Educação Física, Educação Física e Lazer sintetiza uma certa dimensão política que a pesquisa e as práticas, nesse campo, podem contemplar (SAYÃO, 2002, p. 6).

A expectativa desses e outros estudos é que a Educação Física tenha um papel importante nesse processo de desmistificar os preconceitos e/ou estereótipos de gênero. Garantir a igualdade de condições neste plano é uma

tarefa imperiosa, pois a escola deve ser o lugar da diferença (RESENDE, 2011), do encontro de corpos “desviantes” e da experimentação de diferentes masculinidades e feminilidades.

Considerando as narrativas sobre corpo e gênero contidas nas revistas estudadas, podemos considerar que, em termos teóricos e/ou conceituais, estamos diante de uma pluralidade discursiva e, conseqüentemente, política, que reúne autores e/ou perspectivas muito diferentes. Nota-se a presença do referencial feminista, a grande presença de Michel Foucault e dos estudos pós-estruturalistas que rompem com o binarismo prescrito pela matriz heterossexual, abrindo fissuras para desestabilizar as amarras que prendem os corpos à inteligibilidade estrutural binária. Vemos, também, nos estudos de gênero¹³ uma tentativa de resolver litígios de enquadramentos a partir das ordenações/classificações presas a ontologia tradicional – metafísica e humanista – de cunho estruturalista. Esta corrente, no campo do gênero e da sexualidade, aparece com bastante frequência nos estudos da Educação Física a partir do ano 2000.

Em ambos os países indagados, no que diz respeito à tipologia dos textos sobre o “corpo” ligados ao “gênero”, percebemos a predominância dos ensaios em relação a artigos provenientes de pesquisas científicas. No que tange às orientações metodológicas dos artigos, destacam-se pesquisas de observação etnográfica, principalmente em estudos junto a escolas; pesquisas de campo; investigações de cunho histórico também são bem frequentes em estudos ligados ao gênero no universo das práticas corporais; nos estudos com foco nos modos de “ser mulher/feminino” há uma prevalência de pesquisas que analisam o objeto a partir da mídia impressa (revistas/magazines) como amostragem empírica.

Outro dado a ser problematizado no caso de ambos os países é a escassez de estudos que abordam o sexo masculino¹⁴ ou que tratam do corpo sob o viés da homossexualidade, bissexualidade, travestis, transexuais,

¹³ A perspectiva tem como um dos seus maiores ícones a filósofa estadunidense Judith Butler, além da psicanalista feminista búlgaro-francesa Julia Kristeva.

¹⁴ Essa escassez já havia sido apontada por Cunha Júnior e Melo (1996) e novamente afirmada por Devide et al. (2011).

transgêneros, intersex e *queers*.¹⁵ A preocupação dos artigos brasileiros recai, sobretudo, nos corpos femininos. Uma exceção é o artigo publicado na revista *Motrivivência* que enfocou a questão da homossexualidade, intitulado “Educação física e homossexualidade: investigando as representações sociais dos estudantes do Centro de Desportos/UFSC” (ROSA, 2002). No caso da revista produzida pela Universidad Nacional de La Plata, os artigos questionam mais a heteronormatividade entre os sexos do que sobre as escolhas sexuais e de gênero. Apenas um texto (MARTINEZ, 2011) aborda, desde uma perspectiva teórica, conceitos de Judith Butler poderiam contribuir para pensar o relacionamento entre corpo-gênero-homossexualidade.

Considerações finais

Neste artigo, oferecemos uma leitura dos processos referentes à “generificação” dos corpos em revistas brasileiras e um periódico argentino. Organizamos a análise em função de dois blocos analíticos: 1) textos que criticavam o modelo heteronormativo de gênero no âmbito das práticas corporais e/ou esportivas; 2) artigos que problematizavam a escola e, no seu interior, a Educação Física, na produção de “corpos generificados”. Assumimos o binômio corpo/gênero como chave de leitura para reunir artigos que analisavam a sexualidade como dispositivo histórico de poder, especialmente a partir da modernidade, e desde regimes institucionalizados que estabelecem uma imanência da subjetividade na anatomia sexual dos indivíduos, naturalizando modos de ser e fazer legítimos. Os artigos investigados, portanto, retomam discussões contemporâneas (inclusive de objetos históricos) sobre saberes, políticas e poderes que procuram normatizar, controlar e construir verdades sobre o corpo e o sujeito em

¹⁵ “A ideia é afirmar, positivamente, o caráter estranho, abjeto e ininteligível dos modos de vida e de práticas sexuais e de gênero minoritários. O alvo do discurso *queer* não é apenas o heterossexismo compulsório de nossas sociedades, mas também o processo de normalização do movimento social e o modo de vida das minorias sexuais. Por isso que a teoria *queer* aponta não para um binarismo de gênero, mas para uma proliferação e dispersão de gêneros” (CARIGNANO, 2009, p.03).

relação com sua sexualidade inscrita no físico anatomicamente diferenciado, questionamento o pressuposto de que os corpos são percebidos como passivos de uma lei natural inflexível.

Uma questão que permitem observar os dados quantitativos é que, embora seja uma problemática que vem crescendo exponencialmente nos últimos anos no campo acadêmico da Educação Física argentino e brasileiro,¹⁶ não é uma temática proporcionalmente achada nos artigos publicados nos 9 principais periódicos desses países dentro do nosso escopo de análise. Em termos percentuais quantitativos, a distância entre a produção brasileira e argentina em relação à temática do corpo se reforça ainda mais. Ou seja, se a temática sobre o corpo, desde uma perspectiva sociocultural e pedagógica, é tratada – percentualmente – de forma mais assídua na Argentina, isso se amplia se levarmos em conta a relação com os estudos de gênero aqui tratados. Aliás, em relação ao desenvolvimento desses estudos, entendemos que a sua expansão conceitual está, até agora, longe de ter achado o seu teto teórico e que, como intitula Scharagrodsky em um de seus textos analisados fazendo uma ironia, “ainda há muito pano para ser cortado”.

Além disso, os textos investigados contribuem com uma nova maneira de conceber corpos de homens e mulheres, já que questionam a naturalização dos corpos que fundamenta a “dominação masculina” e a “submissão feminina”. Desempenham, assim, um papel importante no processo de ressignificação do corpo, contribuindo no movimento de conferir a ele uma nova condição ontológica, epistemológica e política (BRACHT, 1999).

Referências

¹⁶ Pelo menos desde há uma década o “Congreso Argentino e Latinoamericano de Educación Física y Ciencias” organizado pela Universidad Nacional de La Plata tem mesas específicas sobre a temática gênero, e no caso do principal evento acadêmico disciplinar brasileiro, o Congresso Nacional e Internacional de Ciências do Esporte (CONBRACE/CONICE), desde 2013 existe um Grupo de Trabalho Temático especificamente sobre gênero.

ALESDE – Latin American Socio-cultural Studies of Sport. *Dossiê: Por uma teoria da Educação Física Latino-Americana*. V. 9, n. 2, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/alesde/issue/view/2587> Acesso em: 09/10/2018.

ALMEIDA, Felipe Quintão et al. O corpo como tema da produção do conhecimento: uma análise em cinco periódicos da educação física brasileira. *Movimento*, Porto Alegre, v. 24, n. 1., p. 133-146, jan./mar.2018.

ALTMANN, Helena; MARIANO, Marina; UCHOGA, Liane Aparecida Roveran. Corpo e movimento: produzindo diferenças de gênero na educação infantil. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 15, n. 2, p. 285-301, abr./jun. 2012.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução Maria Helena Kühner. 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRACHT, Valter; CRISORIO, Ricardo (orgs.). *A educação Física no Brasil e na Argentina: identidade, desafios e perspectivas*. Campinas: Autores Associados; Rio de Janeiro: PROSUL, 2003.

BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física. *Cadernos Cedes*, Campinas, vol, 19, n. 48, p.69-88, 1999.

BRANZ, Juan Bautista; ZUCAL, José Antônio Garriga. Poder, cuerpos y representaciones sobre lo masculino, entre policías y jugadores de rugby. *Educación Física y Ciencia*, La Plata, vol. 1, n. 15, p. 1-16, 2013.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*; tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CANGUILHEM, Georges. O problema das regulações no organismo e na sociedade. In: CANGUILHEM, Georges. *Escritos sobre a medicina*. Tradução de Vera Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forence Universitária, p. 71-88, 2005.

CARIGNANO, María Laura Moneta. O “mundo das bichas” em Copi e Perlongher: identidade, gênero e literatura. *Anais do SILEL*. Volume 1. Uberlândia: EDUFU, 2009. Disponível em: http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/gt_lt03_artigo_5.pdf

Acesso em: 12/10/2018.

CHAGAS, Eliane Pardo; RIGO, Luiz Carlos. O corpo feminino numa perspectiva libertária. *Motrivivência*, Florianópolis, vol. 3, n. 3, p. 125-130, jan./dez. 1990.

CUNHA JÚNIOR, Carlos Ferreira da; MELO, Victor Andrade de. Homossexualidade, Educação Física e esporte - primeiras aproximações. *Movimento*, Porto Alegre, v. 3, n. 5, p. 18-24, jun./dez.1996.

DAMICO, Geraldo José Soares; MEYER, Dagmar Estermann. O corpo como marcador social: saúde, beleza e valoração de cuidados corporais de jovens mulheres. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 27, n. 3, p. 103-118, maio./ago. 2006.

DEVIDE, Fabiano Pries; VOTRE, Sebastião Josué. Doping e mulheres nos esportes. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas, v. 27, n. 1, p. 123-138, set./dez. 2005.

DEVIDE, Fabiano Pries et al. Estudos de gênero na Educação Física Brasileira. *Motriz*, Rio Claro, v.17 n.1 p.93-103, jan./mar. 2011.

DORNELLES, Priscila Gomes. Marcas de gênero na educação física escolar: a separação de meninos e meninas em foco. *Motrivivência*, Florianópolis, vol. 2, n. 37, p. 12-29, set./dez. 2011.

FERNANDES, Rita de Cássia. Significados da ginástica para mulheres praticantes em academia. *Motriz*, Rio Claro, vol. 11, n.2, p.107-112, mai./ago. 2005.

GALAK, Eduardo; VAREA, Valeria. *Cuerpo y Educación Física. Perspectivas latinoamericanas para pensar la educación de los cuerpos*. Buenos Aires: Biblos, 2013.

GALAK, Eduardo et al. El concepto “cuerpo” en el campo académico de la Educación Física: un análisis a partir de la revista “Educación Física y Ciencia”. 12º CONGRESO ARGENTINO Y 7º LATINOAMERICANO DE EDUCACIÓN FÍSICA Y CIENCIAS. *Anais...* La Plata, 2017. Disponível em: http://congresoeducacionfisica.fahce.unlp.edu.ar/12o-congreso/actas-2017/Mesa%2010_Galak.pdf. Acesso em: 29 /09/2018.

GALAK, Eduardo et al. O corpo no campo acadêmico da Educação Física na Argentina e no Brasil: crítica e renovação da disciplina. *ALESDE*, Curitiba, vol. 9, n. 2, p. 79-90, abr./jun. 2018.

GOELNER, Silvana Vilodre. Imperativos de ser mulher. *Motriz*, v. 5, n. 1, p. 40-42, jan./jun.1999.

GOELNER, Silvana Vilodre. Verbete Gênero. In: FENSTENSEIFER, Paulo Evaldo; GONZÁLEZ, Jaime Fernando. (orgs.). *Dicionário crítico de Educação Física*. p. 2007-209. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre; FIGUEIRA, Márcia Luiza Machado. Corpo e gênero: a revista Capricho e a produção de corpos femininos. *Motrivivência*, Florianópolis, vol. 2, n. 19, p. 1-13, jul./dez. 2002.

GOMES, Ivan Marcelo et al. O corpo como tema da produção do conhecimento: uma análise bibliométrica em cinco periódicos da educação física brasileira. *Movimento*, Porto Alegre, vol. 24, n. 2., p. 427-440, abr./jun. 2018.

LARA, Larissa Michelle et al. Qualidade na educação/educação física escolar latino-americana: encontro de vozes nada dissonantes. *Revista da Educação Física da UEM*, vol. 29, n. 1, p. 1-13, jan./mar. 2018.

LESSA, Patrícia. Mulheres, corpo e esportes em uma perspectiva feminista. *Motrivivência*, Florianópolis, vol. 1, n. 24, p. 157-172, jan./jun. 2005.

LOURO, Guacira Lopes. *Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na Educação*. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

LUZ JÚNIOR, Agripino Alves. Gênero e Educação Física: Algumas reflexões acerca do que diz as pesquisas das décadas 80 e 90. *Motrivivência*, Florianópolis, vol. 1, n. 19, p. 1-8, jan./jun. 2002.

MARTINEZ, Ariel. ¿Otra cosa puede ser cuerpo? Aportes teóricos de Judith Butler más allá del dimorfismo sexual. *Educación Física y Ciencia*, La Plata, vol. 13, n. 1, p. 169-174, jan./dez.2011.

PRECIADO, Paul Beatriz. *Manifesto contrassexual*. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014.

RESENDE, Moisés Sipriano. Olhares sobre os corpos e a construção de “homens” e “mulheres” na escola. *Motrivivência*, Florianópolis, vol.2, n. 37, p. 69-82, jul./dez. 2011.

ROSA, Marcelo Victor da. Educação física e homossexualidade: investigando as representações sociais dos estudantes do Centro de Desportos/UFSC. *Motrivivência*, Florianópolis, vol. 2, n. 19, p. 1-12, jul./dez. 2002.

SALAZAR, Círia Margarita.; MANZO LOZANO, Emilio Gerzaín. Cuestión de género, cuestión de cuerpo: deportistas pioneras en Colima. *Educación Física y Ciencia*, La Plata, vol.1, n. 11, p. 41-49, jan./dez. 2009.

SALVINI, Leila; SOUZA, Juliano de; MARCHI JUNIOR, Wanderley. A violência simbólica e a dominação masculina no campo esportivo: algumas notas e digressões teóricas. *Revista brasileira de Educação Física e esporte*, São Paulo, vol.26, n.3, p. 401-410, jul./set. 2012.

SARAIVA, Maria do Carmo. Por que investigar gênero na educação física, esporte e lazer? *Motrivivência*, Florianópolis, vol. 1, n. 19, p. 1-6, jan./jun. 2002.

SARAVÍ, Jorge Ricardo. Hacia una educación física no sexista (En línea). *Educación Física y Ciencia*, vol. 1, n. 1, p. 32-40, jan./dez. 1995.

SAYÃO, Déborah Thomé. Por que investigar as questões de gênero no âmbito da educação física, esportes e lazer? *Motrivivência*, Florianópolis, vol. 1, n. 19, p. 1-6, jan./jun. 2002.

SCHARAGRODSKY, Pablo Ariel. De la testosterona a la virilidad: Visibilizando una política escolar generizada. *Educación Física y Ciencia*, La Plata, vol. 1, n. 5, p. 78-90, jan./dez. 2001.

SCHARAGRODSKY, Pablo Ariel. En la educación física queda mucho ‘género’ por cortar. *Educación Física y Ciencia*, La Plata, vol. 1, n. 6, jan./dez. 2002.

SILVA, Marcelo Moraes; CÉSAR, Maria Rita de Assis. As masculinidades produzidas nas aulas de educação física: percepções docentes. *Motrivivência*, Florianópolis, vol. 2, n. 39, p. 101-112, jul./dez. 2012.

SILVA, Ana Márcia; BEDOYA, Victor Molina. (Org.). *Formação Profissional em Educação Física na América Latina: Encontros, Diversidades e Desafios*. 1. ed. São Paulo: Paco Editorial, 2015.

SILVA, Ana Márcia; BEDOYA, Victor Molina. *Educación Física en América Latina: Currículos y Horizontes Formativos*. 1. ed. São Paulo: Paco Editorial, 2017.

TERRA NOVA, Jéssica Vitorino da Silva et al. Tema corpo em publicações da revista motriz (1995-2012). *Educação Física em Revista*, Brasília, v. 9, n. 1, p. 74-95, jan./maio. 2015

VAZ, Alexandre Fernandez. A construção dos corpos no esporte. *Revista de estudos feministas*, Florianópolis, v.19, n. 3, p.849-851, set./dez. 2011.

VAZ, Alexandre Fernandez; BASSANI, Jaison José; SILVA, A. Identidade e rituais na educação do corpo na escola: um estudo em aulas de educação física no ensino fundamental. *Motus Corporis*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 23-39, nov. 1999.

ZOBOLI, Fabio et al. O “corpo” como tema da produção de conhecimento na Revista Brasileira de Educação Física e esportes da USP (2004-2012). *Interfaces Científicas*, Educação, Aracaju, v.6, n.2, p. 79-96, jan./maio. 2018.

ZOBOLI, Fabio et al. O “corpo” como tema da produção do conhecimento na Revista Brasileira de Ciências do Esporte - RBCE (1979-2012). *Kinesis*, Santa Maria, v. 34, n. 2, p. 02-23, jul./dez. 2016.

Submetido em: 15/01/2018

Aceito em: 15/02/2018

Publicado em: 04/04/2018